

Cadeira n. 12: Alvaranga Peixoto

Diário de Minas. 16. 9. 1956

JOÃO DORNAS FILHO — Primeiro sucessor na cadeira n. 12, nasceu João Dornas Filho em Itauna em 7 de agosto de 1902. São seus pais João Dornas dos Santos e Maria Eugênia Viana Dornas. Vindo para Belo Horizonte, onde completou o curso de humanidades, ingressou na Secretaria da Viação. Apaixonado pelos estudos de história, dedicou-se inteiramente às pesquisas a respeito do passado mineiro e do Brasil. Espírito sagaz, observador, atento a todos os fatos históricos, delas tira as premissas que se ajustam a conclusões felizes. Se faz história à maneira de Tucídides, dentro de "animus narrandi", absolutamente isento de intervenção pessoal, sabe ser sociólogo seguro, arguto, vigilante. Eleito para a Academia Mineira de Letras em votação unânime, circunstância que lhe atesta o grande valor moral e intelectual que desfruta mercedamente no cenário cultural do País, João Dornas Filho não tem descanso na atividade literária e científica. Faz jus ao lema acadêmico, no pon-



João Dornas Filho

to em que é afirmada a perenidade da luta do escritor: "scribendi nullus finis". Ou justificaria o lema antigo: "nulla dies sine linea". Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e a outras instituições. Publicou: "Itauna" (1936); "Silva Jardim" (1936); "Os Andradas na História" (1937); "O Padroado e a Igreja Brasileira" (1938); "A Escravidão no Brasil" (1939); "Apontamento para a História da República" (1942); "A influência social do negro brasileiro" (1943); "Os Ciganos no Brasil" (1949); "Eça e Camilo"; "Antonio Tórres"; "Figuras da Província"; "Efemérides Itaunenses"; "Discurso de recepção na Academia". Como contista, publicou "Bagana apagada". Dele é um substancioso ensaio a respeito de Júlio Ribeiro publicado em "Cadernos de Província", n. 2, de Belo Horizonte. Publicou no ano passado "Capítulos de Sociologia Brasileira". São numerosos seus trabalhos inéditos: "Vultos e Fatos do Império"; "Boêmios e Trovadores"; "Araxá e suas águas minerais"; "Figuras da Província", (2a. série); "Aspectos da economia colonial"; "Achegas de Etnografia e Folclore" e outros, muitos dos quais espalhados em jornais do Estado e fora dele. Foi um dos participantes do movimento de vanguarda em Minas, tomando posição ao lado de Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, João Alphonsus e outros. Em virtude de sua grande autoridade de historiador e sociólogo, verdadeiramente "expert" em assuntos de formação histórica do Brasil mórmente de nosso Estado, é constantemente convocado para debates culturais em acadêmicas e instituições. Representa, na atualidade, na Academia Mineira no Colégio de Estudos Políticos, fundado há pouco em Belo Horizonte. Nome acatadíssimo na Academia pela irreprochável conduta de companheiro admirável e sempre admirado, caráter a toda prova, é um dos valores da instituição que dele se orgulha com justificado enlévo.

— (O) —

(Coleção organizada por Martins de Oliveira)

— (O) —

NOTA - No quadro n. 11, da Academia, publicado no domingo passado, houve lamentável equívoco, através de troca de retratos. O de Conego Bueno de Sequeira surgiu em lugar do de Santa Rita Durão. O leitor paciente, com uma tesoura e cola, poderá retificar o engano, rependo as testampas nos devidos lugares
M. de O.

CARLINDO LELLIS — Fundador da cadeira n. 12 e membro eleito da Academia. Nasceu em Ferros, antiga Santana de Ferros, Minas, em 24 de novembro de 1879. Fez todos os seus estudos no Caraça e diplomou-se em farmácia na Escola de Ouro Preto, em 1893. Fundou na ex-capital de Minas "A Fronde", revista literária que fez muito estimado o seu nome. Senhor de bela cultura humanística (o latim e o grego lhe eram familiares, bem como o francês), traduziu "Números de Intermezzo", de Heine. Poeta delicadíssimo, deixou "Brumas e Sol", série de sonetos. Seu trabalho principal foi "Hélikon", coletânea de sonetos, dentro da severa linha parnasiana, elevada ao requinte de ouriversaria, segundo a fórmula bilaqueana. Enorme é a bagagem literária de Carlindo Lellis, infelizmente inédita. Entre os muitos livros, que não vieram à luz da publicidade, têm relêvo os seguintes: "Medalhas", sonetos; "Floreal", sonetos líricos, cancioneiros, quintilhas; "Prosa e verso", contos. Dêle é também uma leve peça teatral, "cena de cortina, ou como se diz, "lever de rideau", em um ato, inteiramente em verso. Colaborou em muitos jornais, notadamente nos da Capital da Republica e de S. Paulo. Carlindo Lellis foi verdadeiramente um espírito helênico, temperamento suavíssimo, sempre votado ao culto da forma. Emulo de Heredia, ou Théophile Gautier, faleceu no Rio de Janeiro em 16 de junho de 1945. Os doze membros primitivos da Academia Mineira escolheram, unanimemente, Carlindo Lellis para membro da instituição, que se compunha no início de trinta acadêmicos.



Carlindo Lellis